

Reajuste pela média não está convencendo

Uma das maiores invenções do Plano Cruzado foi o reajuste salarial pela média. Acostumados aos reajustes pelo pico, os sindicatos quebraram a cabeça para entender o que estava na cabeça dos pais do Plano Cruzado quando apareceram com essa.

Apesar dos protestos e da sensação inicial de empulhação, a resistência dos sindicatos ao reajuste salarial pela média evaporou diante daquele abono extra de 8% e, principalmente, diante da evidente melhora do poder aquisitivo do assalariado enquanto duraram o congelamento de preços e os tempos felizes do Plano Cruzado.

Garfada

O Plano Bresser retomou o achado do Plano Cruzado mas não convenceu ninguém, porque não houve congelamento de preços. O congelamento foi substituído pela URP, que iria atualizar preços e salários, mas acabou reajustando apenas salários, já que os preços, na prática, ficaram soltos. O que se viu então foi o ministro Bresser Pereira exibindo na TV aquele gráfico, cheio de pontas, para tentar convencer os trabalhadores de que os reajustes pela média estavam corretos, e que o poder aquisitivo do assalariado iria crescer.

Mas ninguém acreditou, e o Plano Bresser passou para a história da vida sindical como o truque descarado do governo para garfar aqueles famosos 26% de

correção monetária e reajuste salarial. Até janeiro passado, os tribunais do Trabalho vinham concedendo a reposição dos tais 26%, sumidos em junho de 1987, às categorias que a reivindicavam na Justiça.

O reajuste pela média também foi o critério usado para a correção dos aluguéis residenciais. No Plano Cruzado e no Plano Bresser a coisa funcionou relativamente bem porque havia, então, uma boa oferta de imóveis para alugar.

Média e pico

O Plano Verão insistiu com o conceito de reajuste pela média, tanto nos salários como nos aluguéis. Mas, desta vez, não há quem os aceite. Até os economistas que inicialmente concordavam com o critério, já retiraram seu apoio. E a razão técnica é até muito simples: se a inflação realmente caísse e se mantivesse próxima do zero, faria sentido manter o reajuste pela média, porque o poder aquisitivo do assalariado estaria aumentando em termos relativos. Como a inflação real de fevereiro ficou ao redor dos 30% e a de março não conseguiu cair abaixo dos 6,09%, não há por que continuar defendendo a manutenção dos reajustes pela média.

E vai sobrar razão para o trabalhador que não se conforma com essa reposição de 11 a 13%, porque o poder aquisitivo está-se desvalorizando pelo pico e não pela média.